

1ª Romaria Nacional dos Profissionais de Turismo à Aparecida
Santuário Nacional de Aparecida
27 de setembro de 2014 – *Dia Mundial do Turismo*
Dom Murilo S.R. Krieger, scj
Arcebispo de São Salvador do Brasil, Primaz do Brasil

A dimensão evangelizadora do Turismo Religioso no Brasil

A verdadeira comunhão entre turistas, profissionais e a Igreja

I – O mundo do Turismo

Turista,
que sobes montes para ver horizontes;
homem ou mulher de alma errante
e sedenta de verdades,
que buscas a solidão para ter companhia;
coração insatisfeito que vagueia,
que voa, mas que também caminha;
peregrino inquieto,
desejoso de andar por mil estradas:
teus caminhos vão a muitos lugares...
E tu, aonde vais?...

Quando o Documento de Aparecida, no Capítulo X (“Nossos povos e nossa cultura”), aborda a questão dos novos areópagos¹ e centros de decisão na América Latina e no Caribe, destaca que “na cultura atual, surgem novos campos missionários e pastorais que se abrem. Um deles é, sem dúvida, a pastoral do turismo e do entretenimento, que tem campo imenso de realização nos clubes, nos esportes, no cinema, centros comerciais e outras opções que diariamente chamam a atenção e pedem para ser evangelizados” (DA 493).

Para conhecermos os desafios de tal areópago, é importante levar em conta que a sociedade humana, outrora tão sedentária, pôs-se em movimento. Hoje, uma mobilidade frenética tomou conta da maioria dos habitantes dos países industrializados. Aproveita-se de todas as oportunidades para viajar e fugir do cotidiano, quer em curtas viagens nos finais de semana quer em longas viagens de férias. O importante é não ficar em casa!

¹ **Areópago:** colina perto da Acrópole de Atenas, na Grécia, onde muitos apresentavam suas ideias filosóficas ou religiosas. Ali o apóstolo Paulo fez um famoso discurso: At 17,16-34. Essa palavra é usada atualmente para designar um lugar que é um grande desafio para os trabalhos pastorais da Igreja.

Ano após ano, fim de semana após fim de semana, milhões de pessoas viajam, sem necessidade alguma ou obrigação aparente. Entram em filas de carro, de rodoviárias ou de aeroportos. Tudo, então, se torna pequeno e movimentado: as praias, as lojas, os restaurantes, os teleféricos. Descansar, cansa, pois há longas filas para enfrentar, engarrafamentos, horas e horas de espera em lugares procurados por muitos. Se tais condições de movimento, de cansaço e de espera fossem impostas aos trabalhadores durante suas horas de trabalho, os sindicatos certamente interviriam.

O que antes era privilégio de alguns poucos, hoje está ao alcance de multidões. As férias e as viagens são uma conquista social. Mas são também um peso para muitos, pois, como muitas pessoas se movimentam, paga-se um preço muito alto pela liberdade de ir e vir. Onde isso vai parar?

Os habitantes de muitas cidades dedicam 40% do tempo livre de que dispõem para viajar e, assim, conhecer outros lugares: 30% desse tempo em passeios curtos e 10% em viagens de férias.

Em nossos dias, muitos viajam não mais para fazer novas descobertas ou aprender alguma coisa; a necessidade de viajar foi criada pela sociedade. “As pessoas viajam porque não se sentem mais à vontade onde se encontram, seja nos locais de trabalho, seja onde moram. Sentem necessidade urgente de se desfazer temporariamente da rotina massificante do dia a dia do trabalho, da moradia e do lazer, a fim de estar em condições de retomá-la ao regressarem.”² O trabalho torna-se um peso, o cotidiano, monótono; o relacionamento humano nos escritórios e fábricas, frio. Estressadas, esgotadas física ou psiquicamente, vazias interiormente, entediadas, as pessoas viajam. Querem libertar-se, desligar-se, refazer suas energias, desfrutar da independência, manter contatos, descansar, ser felizes. Viajam para viver, para sobreviver. Isto tudo é facilitado por salários mais elevados e por maior disponibilidade de tempo livre. A sociedade, que aprisiona o ser humano, oferece-lhe a expectativa de ser feliz “longe”. Assim, o tempo livre e as férias tornaram-se também uma indústria. Trabalhamos para sair de férias, e temos necessidade das férias para retomar o trabalho. “Se não existisse o turismo... seria necessário construir clínicas e sanatórios, para que o ser humano se recuperasse desse cansaço. O turismo funciona como terapia da sociedade, como válvula que faz manter o funcionamento do mundo de todos os dias.”³ O ser humano viaja para perceber que as coisas não são tão ruins assim em casa, e que talvez sejam até melhores do que em qualquer outro lugar. Ele viaja para voltar. Mas, para onde tudo isso nos levará? As carências que sentimos na vida cotidiana não podem ser compensadas com alguns breves momentos de liberdade e de lazer criativo e de promessa de felicidade. Nossa sociedade tem descoberto que não se compra a alegria e a felicidade em *shopping centers*.

Por outro lado, o desenvolvimento da indústria do turismo começa a trazer problemas: a destruição da natureza e de monumentos históricos; a perda de qualidade de

² Jost Krippendorf, **SOCIOLOGIA DO TURISMO – Para uma nova compreensão do lazer e das viagens**, São Paulo, Editora Aleph - 3ª edição revisada, 2003 - Introdução.

³ Id.

vida para os receptores dos turistas; incertezas dos que vivem do turismo sazonal; multiplicação de construções, busca do lucro imediato a qualquer custo; crescimento do turismo sexual etc.

O que fazer para que as férias e o lazer experimentados longe de casa não sejam apenas uma fuga do cotidiano e dos problemas, mas também uma oportunidade de enriquecimento interior, de exercício da liberdade, de maior compreensão mútua, de novos laços de solidariedade? Como conciliar o descanso dos que moram em países industrializados com a luta pela sobrevivência diária de milhões de seres humanos? Pode o Turismo ajudar-nos a construir um mundo melhor? Enfim, como dar uma “alma” ao Turismo?

A Igreja, de sua parte, constata que, além da multidão de turistas, há multidões que deixam suas casas em busca de um santuário. São os peregrinos, os romeiros. Sonham com uma peregrinação, fazem economia durante meses, enfrentam longas viagens para chegar ao santuário desejado. Para quê? “A religião do povo latino-americano é expressão da fé católica. É um catolicismo popular, profundamente inculturado, que contém a dimensão mais valiosa da cultura latino-americana. Entre as expressões dessa espiritualidade contam-se: ...as peregrinações, onde é possível reconhecer o Povo de Deus a caminho. Aí o cristão celebra a alegria de se sentir imerso em meio a tantos irmãos, caminhando juntos para Deus que os espera. (...) A decisão de caminhar em direção ao santuário já é uma confissão de fé, o caminhar é um verdadeiro canto de esperança e a chegada é um encontro de amor. (...) Um breve instante condensa uma viva experiência espiritual” (DA 258 e 259).

II - Aparecida: um apelo aos discípulos missionários

Como pastores, queremos
 “seguir estimulando a ação evangelizadora da Igreja,
 chamada a fazer de todos os seus membros
 discípulos e missionários de Cristo,
 Caminho, Verdade e Vida,
 para que nossos povos tenham vida nele”.
 (Documento de Aparecida, 1)

O ser humano é inquieto por natureza; tem necessidade de lazer, de encontrar-se com outras pessoas, de conhecer outros lugares, de buscar o diferente... “O Turismo experimentou uma forte evolução, interessando a milhões de pessoas e convertendo-se, em muitos aspectos, em um dos principais motores da atividade econômica. (...) Para muitas comunidades cristãs, o fenômeno do Turismo deixou de ser uma realidade marginal ou uma perturbação da vida ordinária, para converter-se em momento de evangelização e de comunhão eclesial (...) O Turismo pode converter-se em artífice de diálogo entre as

civilizações e as culturas para construir uma civilização do amor e da paz...”⁴ Portanto, a Igreja não pode ignorar essa realidade. Ao contrário: deve lançar uma luz que a ilumine – a luz de Cristo.

A V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, realizada em Aparecida (13-31 de maio de 2007), não tratou especificamente do tema “Turismo”. Por três vezes essa palavra aparece no Documento: no nº 65, quando, fazendo uma referência ao “turismo sexual”, nos convida “a contemplar os rostos daqueles que sofrem. Entre eles estão... meninos e meninas submetidos à prostituição infantil, ligada muitas vezes ao turismo sexual”; no nº 493, quando afirma que “Na cultura atual, surgem novos campos missionários e pastorais que se abrem. Um deles é, sem dúvida, a pastoral do turismo e do entretenimento...”; e no nº 518, quando, abordando a questão da Pastoral Urbana, pede que os agentes de pastoral, “enquanto discípulos missionários, se esforcem para desenvolver... serviços especiais que respondam às diferentes atividades próprias da cidade: [por exemplo] turismo...”. *Aparecida* quis ser uma luz para todas as atividades pastorais e, em vista disso, apresentou grandes linhas de ação, convicta, contudo, de que “o mais decisivo na Igreja é sempre a ação santa de seu Senhor” (DA 6).

Jesus Cristo quer vida para nossos povos, a sua vida. Nós, seus discípulos missionários, estamos, pois, a serviço da vida plena. Como viver e comunicar a vida nova em Cristo para aqueles e aquelas que gravitam em torno do Turismo?

Para ajudar nessa reflexão e, juntos, encontrarmos respostas adequadas aos desafios da Pastoral do Turismo, não darei receitas prontas, mas elencarei, tiradas da terceira parte do Documento de Aparecida, dez afirmações que são verdadeiros critérios de ação para essa Pastoral:

1. “A vida nova de Jesus Cristo atinge o ser humano por inteiro e desenvolve em plenitude a existência humana em sua dimensão pessoal, familiar, social e cultural” (DA 356).
2. “A vida em Cristo inclui a alegria de comer juntos, o entusiasmo para progredir, o gosto de trabalhar e de aprender, a alegria de servir a quem necessita de nós, o contato com a natureza, o entusiasmo dos projetos comunitários... e todas as coisas com as quais o Pai nos presenteia como sinais de seu sincero amor” (DA 356).
3. “O consumismo hedonista e individualista, que coloca a vida humana em função de um prazer imediato e sem limites, obscurece o sentido da vida e a degrada.” (DA 357).
4. “O projeto pastoral da Diocese... deve ser resposta consciente e eficaz para atender às exigências do mundo de hoje com indicações programáticas concretas, objetivos e métodos de trabalho, formação e valorização dos agentes

⁴ Conselho Pontifício para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes, *Orientações para a Pastoral do Turismo*, 2001, n. 1.

e procura dos meios necessários que permitam que o anúncio de Cristo chegue às pessoas, modele as comunidades e incida profundamente na sociedade e na cultura mediante o testemunho dos valores evangélicos. Os leigos devem participar do discernimento, da tomada de decisões, do planejamento e da execução” (DA 371).

5. “Nossa fidelidade ao Evangelho exige que proclamemos a verdade sobre o ser humano e sobre a dignidade de toda pessoa humana, em todos os espaços públicos e privados do mundo de hoje e a partir de todas as instâncias da vida e da missão da Igreja” (DA 390).
6. “Nesta época, costuma acontecer que defendemos de forma demasiada nossos espaços de privacidade e lazer, e nos deixamos contagiar facilmente pelo consumismo individualista” (DA 397).
7. “A Igreja, como Mãe, deve sentir-se como Igreja sem fronteiras, Igreja familiar, atenta ao fenômeno crescente da mobilidade humana em seus diversos setores. Considera indispensável o desenvolvimento de uma mentalidade e espiritualidade a serviço pastoral dos irmãos em mobilidade...” (DA 412).
8. “A América Latina e o Caribe estão se conscientizando da natureza como herança gratuita que recebemos para proteger, como espaço precioso da convivência humana e como responsabilidade cuidadosa do senhorio do homem para o bem de todos” (DA 471).
9. “A Igreja agradece a todos os que se ocupam com a defesa da vida e do ambiente. É necessário dar especial importância à mais grave destruição em curso da ecologia humana” (DA 472).
10. “Queremos felicitar e incentivar a tantos discípulos e missionários de Jesus Cristo que, com sua presença ética coerente, continuam semeando os valores evangélicos nos ambientes onde tradicionalmente se faz cultura e nos novos areópagos... Um deles é, sem dúvida, a pastoral do turismo e do entretenimento, que... pedem para ser evangelizados” (DA 491 e 493).

III – Turismo: um desafio pastoral para os leigos e leigas

“O Turismo favorece o contato dos homens e das mulheres com a natureza e com as culturas, promove a valorização dos recursos ambientais e apresenta as belezas da criação como uma herança comum de toda a família humana.”
(João Paulo II, 27.09.2001)

A ação pastoral da Igreja no mundo do Turismo falharia se faltasse uma eficaz colaboração dos fieis leigos. Em vista disso, é necessário⁵:

1. Formar as populações que acolhem os turistas, para darem testemunho cristão e de fidelidade aos deveres religiosos, mantendo-se prudentes diante da novidade de mentalidade e de costumes;
2. Providenciar a organização, em colaboração com as entidades turísticas, de encontros de caráter cultural-religioso, para atingir sobretudo os “afastados”;
3. Desenvolver uma ação missionária, mediante uma adequada preparação dos que visitam países não-cristãos e não-crentes, para assegurar com seu comportamento um real testemunho de fé e caridade;
4. Valorizar as obras de arte cristã existentes na região, assegurando uma inteligente apresentação de seu significado religioso; por isso, recomenda-se a formação espiritual e cultural dos guias turísticos;
5. Desenvolver o diálogo com os agentes turísticos, qualquer que seja a religião a que pertençam;
6. Cuidar da formação espiritual dos católicos que servem nos vários setores da indústria turística e favorecer a devida assistência espiritual tanto aos hospedeiros quanto aos hóspedes;
7. Organizar encontros com os agentes de turismo, com o fim de animar seu trabalho de espírito evangélico e conhecer suas necessidades espirituais, intensificar suas relações com a Igreja e sensibilizá-los quanto aos seus deveres com respeito à moralização do Turismo;
8. Ter consciência de que são os leigos que fazem o Turismo, uma vez que toda a organização turística depende deles – daí a importância de sua presença e participação na Pastoral do Turismo;
9. Cuidar da preparação espiritual dos quadros profissionais. Mais: os leigos se deem conta de que um sadio turismo exige o esforço coordenado não só de indivíduos como também de grupos, visto que não é possível promover, com atividades particulares e isoladas, a humanização de um fenômeno tão dinâmico e irreversível como este que está em questão;
10. Recordar que o Turismo é um fator de elevação social, que pode ajudar a causa do ecumenismo e a união entre os povos;
11. Valorizar as peregrinações aos santuários, metas de peregrinação para muitos cristãos. Num mundo sempre mais secularizado, dominado pelo sentido do imediato e do material, essas visitas podem ler-se como o sinal de um desejo de retorno a Deus;

⁵ Cf. *Diretório Geral para a Pastoral do Turismo (Peregrinans in terra)*, Congregação para o Clero, 1969, nn. 25-28; 34-37.

12. Reconhecer o valor daqueles lugares que são visitados por seu acentuado valor artístico ou histórico, como é o caso de catedrais, igrejas, mosteiros etc. A acolhida proporcionada nesses lugares não pode limitar-se a uma esmerada informação histórico ou artística, mas deve manifestar sua identidade e finalidade religiosa. Para muitos turistas, essas visitas constituem a ocasião quase única de conhecer a fé cristã;
13. Incentivar a colaboração entre os responsáveis pela Pastoral do Turismo e os promotores turísticos;
14. Ensinar os cristãos que visitarem lugares que são honrados por fieis de outras religiões a comportar-se em tais lugares com o máximo de respeito, com um comportamento que não fira a sensibilidade religiosa de quem o acolhe;
15. Dar especial atenção aos grupos que associam pessoas em razão da idade ou por outras circunstâncias da vida profissional e social, para que possam viver essa circunstância em toda a sua riqueza humana e espiritual;
16. Incentivar o “turismo social”, que torna o turismo algo acessível a todos, através de sistemas que ajudam as pessoas e as famílias a ter acesso a financiamentos especiais;
17. Promover atividades turísticas que respeitem o meio ambiente, que dê preferência às necessidades da comunidade local, chegando, se for preciso, à limitação da mesma atividade turística;
18. Valorizar as associações nas quais os cristãos, que trabalham como guias, possam atualizar sua formação humana e espiritual e sustentar-se mutuamente em um trabalho que exige respeito, entrega aos demais e atenção ao bem espiritual dos turistas;
19. Dar uma atenção especial aos trabalhadores do Turismo, levando em conta seus horários de trabalho e as necessidades de sua família, possibilitando-lhes integrar-se na pastoral ordinária da Igreja;
20. Denunciar o turismo sexual.

IV – Conclusão

“Quem viajou aprendeu muitas coisas;
quem muito experimentou falará com conhecimento.
Quem não tem experiência pouco sabe;
aquele que viajou, porém, tem grande habilidade.
Viajando, vi muitas coisas e compreendi muitos assuntos.”
(Eclesiástico 34,9-12)

Viajando, o turista percebe que é um peregrino no tempo e no espaço; está em peregrinação para a Jerusalém celeste. No íntimo de cada pessoa se manifesta uma profunda inquietação, própria da condição do ser humano, que continuamente quer descobrir novos horizontes. Na verdade, somente no infinito de Deus se alcança a realização de nossos mais profundos desejos e buscas.

Para satisfazer o desejo de conhecer outras pessoas e outras culturas, como também para viver novas experiências, o ser humano sai pelos caminhos do mundo. Mas essa busca, expressão de seu coração inquieto, acontece não somente quando empreende grandes viagens, mas também quando sozinho, com a família ou unido a um grupo procura, procura descansar por alguns dias. Experimenta, então, o que o Salmista já experimentou: “Oh! Como é bom, como é agradável os irmãos morarem juntos!” (Sl 133/132,1).

Quando se trata de um peregrino, o ideal é que possa fazer sua as palavras que lemos nas “Narrações de um peregrino russo”, de autor desconhecido: “Por graça de Deus, sou homem e cristão; pelas minhas ações, grande pecador; por condição, um peregrino desabrigado humilíssimo, que vai errando de lugar em lugar. Meus haveres são um saco às costas, com um pouco de pão seco e uma Bíblia Sagrada que levo debaixo da camisa. Outra coisa não tenho” (c. I). Quando chegarmos à Pátria celeste, meta de todas as viagens, “abandonaremos o hábito de viagem e o bastão de peregrino e entraremos na nossa casa definitiva, *para estarmos para sempre com o Senhor* (1Ts 4,17). Lá Ele estará no meio de nós *como aquele que serve* (Lc 22,27) e ceará conosco e nós com Ele”⁶.

Enquanto ainda peregrinos neste mundo, com Maria, a Mãe de Jesus, maravilhados com as belezas da Criação, turista e peregrino podem engrandecer o Senhor (cf. Lc 1,46) e cantar as obras maravilhosas que Ele fez.

⁶ Conselho Pontifício para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes, *A Peregrinação*, 25.04.1998, nº 43.